

## UMA TAMPINHA DE GARRAFA

Na semana santa, fomos passar a páscoa em Mogi das Cruzes, para ficar um pouco mais perto dos filhos, noras e netas que estão mais distantes. No dia da ressurreição, a família e alguns amigos se reuniram na casa do filho Perseu, onde havia fartura, amizade e risos. Uma beleza, com a presença maior das 5 netas e amiguinhos, que fizeram um barulho desgraçado, com gritos, disputas, brigas. Todavia, foi muito bom e alegre.

No entanto, como sempre acontece, sinto a mesma coisa. Acabo me isolando num canto, como os olhos perdidos, olhando para dentro, para as lembranças, para as saudades. Invariavelmente fico triste por causa dos que não estão presentes: meu Pai, minha Mãe, meu único irmão, com os quais gostaria muito de conviver mais uma vez. Seria tão bom que eles também lá estivessem, para ver, falar, ouvir... afagar as crianças. Seria perfeito se eles pudessem saber das vitórias conquistadas, seria ótimo vê-los minorar as derrotas sofridas.

Como ocorre quando se está no meio de u'a multidão, a gente sente a solidão, nas festas de família também me sinto só e amargurado.

Eu estava me torturando com meus pensamentos, quando vi a Érikca, de 2 anos e tanto, com menos de um metro de altura, loirinha, bela, inocente, um tiquinho de gente, com a graça e a energia inesgotável da infância. Andava pela casa, com um boneca nos braços, com seus pequenos tênis, com luzinhas que acendiam e apagavam com seus passos, como dois pequenos vaga-lumes.

Às tantas, a menininha deixou a companhia das outras e, sorrindo, se aproximou de mim. Era tão pequena, que me ajoelhei no chão para atendê-la. Talvez quisesse um doce, um copo de guaraná, um pouco de água. Pela idade, ela quase não fala. Olhei bem de frente seu belo rostinho, cândido e puro. Como a pequenina nada dissesse, ofereci tudo, doces, bolos, refrigerantes, mas ela nada quis. Somente abriu a mãozinha direita (cheia de buraquinhos) e me entregou uma tampinha de garrafa. Era um presente de páscoa. Em sua simplicidade inocente, a Érikca estava me fazendo saber que gostava de mim, que para ela eu também existo. Peguei a tampinha e a guardei no bolso, como se fosse o maior tesouro e era na verdade. A seguir, tomei-a no colo e a abracei. Aí veio o segundo e melhor presente: a criança me beijou no rosto. O velho Rubão, cuja diferença de idade com a menininha beira quase 7 décadas, desmoronou. Nunca esperei tanta

espontaneidade e carinho. Chorei um pouco, olhando aqueles olhinhos, que não eram mais vaga-luminhos, mas sim pequenas estrelas. Esqueci a tristeza, espantei a solidão, alije a amargura. Reencontrei meus Pais e meu irmão. Todos estavam presentes na Páscoa de 1994, dentro deste já cansado coração.

Bendita criança que, com sua pureza, criou uma ponte de amor entre o passado, o presente e o futuro. Bendita criança que, de graça me deu tanto amor, mostrando que a vida e a esperança, apesar de tudo, sempre se renovam.